

Quinta-feira, 21 de Fevereiro de 2008 - Estrasburgo

Timor-Leste

Ana Maria Gomes, autora . – Em representação dos Socialistas, eu queria expressar também a nossa solidariedade para com o povo de Timor-Leste e a nossa condenação firme dos bárbaros ataques contra o Presidente e o Primeiro-Ministro de Timor-Leste, instituições democraticamente eleitas.

Queria também pedir uma investigação independente, como é solicitado na resolução que temos diante de nós e que apoiamos, para se verificar quem atacou, o que representava e o que é que falhou no dispositivo de segurança timorense, tanto em Timor-Leste como, e sobretudo, a nível internacional.

Eu penso que este episódio revela que a comunidade internacional tem de fazer um esforço suplementar para reforçar as instituições do Estado em Timor-Leste e, designadamente, para reformar o aparelho de segurança, que se tinha visto já também ser posto em causa na crise de 2006.

Também as questões relacionadas com a justiça, com o cumprimento da justiça, da lei e da ordem são essenciais, e, neste contexto, devo dizer como os esforços de reconciliação nacional para com grupos rebeldes podem ter dado um sinal negativo, contraproducente, de impunidade que lançou os rebeldes neste miserável ataque.

Timor-Leste não é um Estado falhado, não tem nada a ver com a Somália, como há bocadinho queria fazer associação o colega Onyszkiewicz. Timor-Leste conseguiu a sua independência heroicamente contra o silêncio da comunidade internacional, e o povo timorense já demonstrou diversas vezes que está empenhado na via democrática. Demonstrou-o, de forma mais uma vez exemplar, nas eleições presidenciais e legislativas, que tiveram lugar no ano passado e em que eu tive a honra de chefiar a missão deste Parlamento.

Há uma responsabilidade da comunidade internacional agora, que tem de se verificar no apoio a Timor-Leste, na coordenação desse apoio, que falhou claramente no dispositivo de segurança, na resolução das questões essenciais de estruturação do Estado timorense. Do ponto de vista do que têm sido os sinais dados pelo povo timorense, sem dúvida, eles querem a democracia, eles querem o Estado de direito.